

Investigações em torno da memória e do testemunho em Lembrança de uma Batalha, de Italo Calvino

Sheila Dias Maciel*

Resumo: Reflexão sobre “Lembrança de uma batalha”, de Italo Calvino, um dos cinco “exercícios de memória” que fazem parte da obra póstuma intitulada *O caminho de San Giovanni* (2000). O conto, produzido a partir da experiência que vivenciara durante os anos da resistência ao fascismo na Itália, é narrado por um “eu” que, na tentativa de retomar o passado, transita entre a memória e o testemunho, criando uma ambivalência positiva que não se dissocia do restante da trajetória literária do escritor.

Palavras-chave: Italo Calvino, memória, testemunho.

Resumen: Reflexión sobre “Recuerdo de una batalla”, de Italo Calvino, uno de los cinco “ejercicios de memoria” que son parte de la obra póstuma titulada *El camino de San Giovanni* (2000). El cuento, producido a partir de la experiencia que había experimentado durante los años de resistencia al fascismo en Italia, es narrado por un “yo” que, entre la memoria y el testimonio, reescribe la creación de algo que no se disocia del resto de la trayectoria literaria del escritor.

Palabras claves: Italo Calvino, la memoria, el testimonio.

* Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Professora Associado do Departamento de Letras da UFMT, *campus* de Rondonópolis.

1. Ponto de partida

Hoje estamos vivendo num tempo que pode ser descrito como a era do espetáculo. Depois da obsessão pela memória que impulsionou o século XX, entra em cena um momento em que a moda é se expor, ou melhor, produzir modos de confissão orientados “aos olhares dos outros como se estes constituíssem a audiência de um espetáculo” (SIBILIA, 2008, p.258).

O “show do eu” aparece disseminado na mídia em geral, nos ambientes mediados pelo computador e nos depoimentos, relatos e testemunhos que rondam, hoje, o universo literário. Este excesso de exposição parece fazer parte de um momento repetitivo que costuma ocorrer ao final de uma época literária específica. Se vivemos numa era do espetáculo, podemos afirmar que seu fortalecimento está relacionado à anterior valorização da memória e aos grandes acontecimentos históricos e políticos que marcaram a cena de um passado próximo: guerras; governos totalitários; invasões; genocídios; barbáries.

Hoje, uma larga parcela da narrativa centrada no “eu” carrega em si o germe da fútil exposição. Não se pode negar, no entanto, que existem textos em que o exercício de ficcionalização que faz limite com a história promove “o salto proustiano para o universal” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p.178).

Anteriores à moda do espetáculo, no entanto, várias obras de autores diversos foram escritas na segunda metade do século XX segundo os moldes da narrativa de memórias que traz no seu bojo menos o narcisismo contemporâneo que uma forma de fazer valer uma experiência humana. Neste âmbito, podemos citar a obra de Italo Calvino (1923-1985). Na trajetória literária do escritor italiano há uma sucessão de narrativas ficcionais de feição memorialista, e, dentre elas, algumas formas de depoimento que se aproximam em parte de um relato autobiográfico, como a tradição sustenta. Um

desses textos é "Lembrança de uma batalha", publicado na obra póstuma *O caminho de San Giovanni* (2000), coletânea de exercícios de memória escritos entre 1962 e 1977.

"Lembrança de uma batalha", parte integrante da obra póstuma citada, anterior à era do espetáculo, foi escrita num momento em que é a memória e sua relação com a História que está no centro das indagações sobre o fazer literário. A narrativa, além de ser apresentada como um exercício de memória, problematiza uma questão interessante dentro deste universo: se existe diferença entre a escrita de memórias e a ideia de testemunho.

O texto calviniano em debate parece superar o impasse entre a história singular que um eu teria para contar, base da literatura de testemunho, e as experiências com a linguagem e com o "como contar", marca explícita do literário que costuma ocorrer nos textos de memórias. Para ingressar neste debate, nos deteremos, a seguir, nos conceitos de memória e de testemunho.

2. A sacralização da memória

O século XX é o século das memórias. Uma gama de narrativas foi produzida neste século segundo um impulso que buscava salvar do esquecimento toda a experiência humana. Este dever de lembrar foi, na verdade, uma contrapartida, ou seja, uma resposta direta ao controle das informações imposto pelos regimes totalitários, conforme esclarece Todorov (2000).

De fato, se os regimes totalitários do século XX tentaram promover, com o intuito de apagar as informações sobre as atrocidades cometidas, a supressão da memória, mas acabaram por gerar, como reação, meios para a difusão da informação.

Segundo Todorov (2000, p.14-5), os resultados desta reação são um retrato do nosso mundo contemporâneo: A reconstrução do

passado passa a ser vista como ato de oposição ao poder; o apreço pela memória se alarga além de seu contexto original; a memória passa a ser ameaçada não pela supressão da informação, mas por sua superabundância.

Além desta visão apresentada por Todorov, existem algumas diferenças na conceitualização do termo memória: 1.metáfora que pode ser compreendida como um aspecto que aglutina traços de mentalidades coletivas; 2.máquina mental ativa de cada sujeito; 3.forma narrativa específica escrita em primeira pessoa por um “eu” que volta ao passado para compreender o presente. Este último significado costuma ser apresentado pelo termo “memórias”, marcado pelo plural.

As memórias, no plural, ou seja, a forma narrativa de feição literária, ainda hoje são divididas pela crítica como memórias genuínas e memórias ficcionais. Será válida essa indagação? Mais coerente seria, ao contrário, pensar em memórias como mero depoimento e memórias literárias, esclarecendo desde já que ambas são, e sempre serão, ficcionais, posto que as vozes que atuam na recuperação da memória vêm mostrar a interferência de muitos outros fatores na construção do relato. Na verdade, é por meio da linguagem que qualquer relato memorialista é construído, tecido de escolhas, silêncios, lembranças e imprecisões. Em um texto de memórias, como em qualquer texto literário, nada pode ser tomado como representação fiel da realidade, mas como possibilidade mimética de construção artística, apesar do referente reconhecível.

A narrativa que se forma não é uma volta estática ao que ficou para trás. As memórias não são o único caminho a ser percorrido para se chegar ao passado, não são uma rua de mão única em que se caminha linearmente em direção ao que já passou. Ir de volta ao passado não traz o passado de volta, questão que pode ser discutida por meio da leitura de “Lembrança de uma batalha”.

As memórias narrativas, portanto, podem ser vistas como uma reconceitualização do passado a partir do momento presente. Uma versão construída a partir do presente e de suas necessidades. Deste modo, é pela necessidade de lembrar, pelo *dever* de lembrar que a escrita de textos em forma de memórias exhibe sua conexão com o passado e as formas de poder.

3. A questão do testemunho

O testemunho traz consigo menos uma visão positiva do futuro que um obscurecimento do horizonte e tem como tema, em geral, a descrição elaborada ou crua de desgraças, catástrofes ou extermínios.

Se, *a priori*, pensávamos em *testemunho* como uma declaração ou relato de alguém que participara de uma ação, hoje, o sentido de *testemunhar* está mais próximo do relato de um indivíduo sobre uma tragédia ou catástrofe que presenciara. Parece muito cedo para afirmarmos que os significados do vocábulo tenham se reduzido, mas esta reflexão serve como ponto de partida para tentarmos delimitar as idiosincrasias do testemunho em face ao campo de atuação das memórias.

Tanto para a memória quanto para o testemunho pode existir uma realidade extra-textual comprovável, que é facilmente reconhecida pelos leitores. No entanto, a força da história motriz se sobrepõe no testemunho. Se nas memórias é comum que o devaneio singularize a história e a afaste desta realidade por meio das experiências da linguagem, no testemunho o teor factual supera o modo de contar e parece ser o centro da narrativa. Daí a reflexão sobre o caráter literário do testemunho ser uma preocupação legítima. Se acreditamos que para a literatura *como* contar é mais importante que o *assunto* contado, poderíamos, inicialmente, renegar o testemunho a um plano não-literário, ainda que ficcional.

Existe uma profusão de obras divulgadas segundo a hipótese do testemunho que impulsionam o mercado literário ao trazer para as

páginas do livro a experiência conturbada da catástrofe como signo. São obras que chamam a atenção sobretudo por expor a experiência da guerra, da luta armada ou da exclusão social, temáticas recorrentes no conflito das minorias.

Para Seligmann-Silva:

[...] o testemunho deve ser visto como uma forma de esquecimento, uma fuga para frente em direção à palavra e um mergulhar na linguagem, como também, por outro lado, busca-se igualmente, através do testemunho, a *libertação* da cena traumática. (2000, p.90, grifos do autor)

Segundo o teórico, existe, também no testemunho, um trabalho com a linguagem. Desta maneira, talvez seja correto aceitar o testemunho como um fazer que pode assumir uma feição literária, mas no qual a linguagem serve como um meio em busca de uma redenção.

Para Alba Olmi, o que está em jogo para compreendermos os matizes da memória autobiográfica “não é somente a compreensão do passado, mas sobretudo, a interpretação do presente e da maneira pela qual nossa vivência pessoal se insere na história da coletividade à qual pertencemos” (OLMI, 2006, p.36). Como lidar com as diferenças e semelhanças entre o que seja memória e testemunho? O caminho é lidar com o presente, lugar de onde o desejo de narrar se efetua e tende a se bifurcar entre a produção da memória e a necessidade do testemunho, ou seja, o caminho é procurar, no corpo do texto, as escolhas que singularizam a retomada do passado.

4. “Lembrança de uma batalha”: entre memória e testemunho

“é a partir do centro de um daqueles vórtices
que a espiral do tempo se desdobra.”

Italo Calvino

Em sua longa trajetória literária, Italo Calvino produziu obras marcadas por questões de memória e de retorno ao tema da guerra e da resistência desde *Il sentiero dei nidi di ragno* (1947) até *Palomar* (1983), última obra publicada em vida, e ainda depois, nas publicações organizadas por sua esposa Esther Calvino, como os exercícios de memória de *O caminho de San Giovanni*. De fato, grande parte da produção calviniana circunda esquemas que buscam organizar o discurso segundo os moldes de um “eu” que retorna ao espaço do passado, mas não traz do passado nada além do que a sua própria falta. (MACIEL, 2004, p.171)

Apesar de inúmeras histórias de Italo Calvino serem desenvolvidas no cenário da resistência italiana, tal como “A fome em Bévera” ou “Angústia na caserna”, poucas promovem um pacto autobiográfico com o leitor, ou seja, são escritas em primeira pessoa e assumidas como exercícios de memória em que o narrador = autor = protagonista (cf. LEJEUNE).

Calvino singulariza o episódio do passado ao retomar, muito tempo depois, um dos inúmeros episódios dos quais participara. Neste retorno, conforme afirma Pessoa Neto,

O seu retrato nunca é o oficial, o da propaganda que pinta a *Resistenza* como um ato de consciente bravura de seus membros. O autor vê seres humanos, com todas as fraquezas e imperfeições da espécie, fazendo a guerra. [...] São personagens populares que desempenham papéis em uma tragédia cuja verdadeira dimensão – a História – não conseguem perceber. (1997, p.74)

De fato, em “Lembrança de uma batalha” não há a certeza dos objetivos claros de quem tem certeza do que deverá ser executado, não há a certeza da posição correta ou do alvo. Toda a descrição é nebulosa. Distanciado do tempo em que ocorrera sua participação na Resistência (ou seja, nas forças resistentes formadas contra o fascismo

na Itália durante a segunda guerra mundial), Italo Calvino retoma o passado para reaver as experiências de guerra das quais fez parte: “Há anos deixei de remexer essas lembranças, encafuadas feito enguias nas poças da memória” (CALVINO, 2000, p.67).

O escritor consagrado dá voz a um narrador especial que não recusa o ato autobiográfico: “Não é verdade que já não me lembro de nada, as lembranças ainda estão lá, escondidas no novelo cinzento do cérebro, no úmido leito de areia que se deposita no fundo da torrente dos pensamentos” (CALVINO, 2000, p.67). Ao contrário, o narrador caminha em direção ao passado e transforma sua busca, ou ato autobiográfico, na própria metaforização da memória: máquina mental ativa do sujeito que deverá separar, na torrente dos pensamentos, as lembranças *encafuadas*.

Apresentado como um exercício de memória confesso, o início enciclopédico do conto não se dissocia do restante da obra de Calvino - para falar da sua memória, o escritor acaba por compor um pequeno tratado sobre memória e esquecimento, expandido durante todo o texto: “[...] teria de levantar algumas das pedras enormes que servem de barragem entre o presente e o passado, para descobrir as pequenas cavernas atrás da testa onde se anicham as coisas esquecidas.” (CALVINO, 2000, p.67); “[...] e quando as lembranças, após um longo sono, despertam, é a partir do centro de um daqueles vórtices que a espiral do tempo se desdobra” (CALVINO, 2000, p.67); “A incerteza da lembrança é exatamente a da luz e da estação e do depois. O que importa é que essa descida na memória incerta e fervilhante de sombras me leve a tocar algo de firme” (CALVINO, 2000, p.69); “Se me concentro nesse detalhe amplificado, é para não perceber quantos rasgos há em minha memória” (CALVINO, 2000, p.71); “O que eu gostaria de saber é porque a rede furada da memória retém certas coisas e não outras” (CALVINO, 2000, p.72); “Ainda é a audição, não a visão, a tomar as rédeas da memória” (CALVINO,

2000, p.73). O conjunto destas máximas sobre memória traz à tona a relação entre lembrança e esquecimento e a dificuldade de retomar as rédeas do passado.

A narrativa é toda composta por parágrafos longos, alguns que se estendem por mais de uma página, dando a impressão de se tratar de um assunto difícil, realmente denso. São dezesseis parágrafos que têm a batalha da qual participara como unidade dramática. Estes parágrafos apresentam níveis de realidade diferentes na medida em que, mesclados na urdidura do enredo, encontramos tanto o nível espacialmente descrito do deslocamento da tropa naquela manhã precisa, quanto o nível da enunciação, afastado temporalmente, em que se dá a reflexão sobre as lembranças e os esquecimentos inerentes ao processo da memória como ato individual.

Inicialmente, o que nos chama a atenção no conto é que ao tentar descrever uma batalha precisa da qual participara há muito tempo atrás, o narrador acaba por focalizar menos a batalha que a própria lembrança da batalha. É o processo de desvelamento deste episódio traumático que faz a história funcionar. Envolvido no aspecto sensorial da marcha, na dúvida sobre quem realmente vencera, na constatação de que a batalha estava perdida e de que era preciso bater em retirada, na descoberta do amigo morto, o narrador se divide entre aquele que elabora o passado e aquele que revive o passado, sem as convicções e a segurança do presente.

Todo o discorrer da história ganha densidade à medida que o narrador autobiográfico se aproxima do que aparenta ser o cerne da memória: "E aqui estou me aproximando do ponto que tenho em mente desde o começo, e é quando Cardù morre" (CALVINO, 2000, p.74-5). Nesse momento da narrativa, há novamente uma mudança de nível, e o narrador que elabora o passado toma as rédeas da narrativa: "A memória da imaginação é também uma memória da época, porque estou trazendo à tona coisas que imaginava naquele tempo."

(CALVINO, 2000, p.75). Esta mudança diminui a tensão até que o narrador explique que não é o momento exato da morte de Cardù que tentava recordar, mas depois, quando um corpo é revirado e reconhecido – “Veja, olhe só quem morreu”.

O que aparentava ser o clímax da narrativa perde força diante do parágrafo final. Na forma narrativa conto, o clímax parece misturado ao desfecho. Em “Lembrança de uma batalha”, no entanto, narrativa que se assemelha ao conto em sua extensão, o final não dilui as expectativas, mas parece prolongar o incômodo relato que é tecido com ajuda de sons, texturas, vozes longínquas e esquecimentos. Após a constatação da perda do amigo, a reflexão final aproxima o passado do presente, potencializando, pelo uso do gerúndio, a perspectiva de que “a noite em mim” é ao mesmo tempo a noite daquele passado remoto e a desse presente revivido:

Tudo que escrevi até aqui me serve para compreender que daquela manhã já não recordo quase nada, e ainda mais páginas me restaria escrever para dizer o fim da tarde, a noite. A noite do morto no vilarejo inimigo, velado por vivos que já não sabem quem está vivo e quem está morto. A noite em mim, procurando os companheiros na montanha para que me digam se venci ou perdi. A distância que separa aquela noite de então desta noite em que escrevo. O sentido de tudo aparecendo e desaparecendo. (CALVINO, 2000, p.75)

Ao final, como podemos perceber, os dois níveis de realidade mencionados, amparados pelos dois narradores de tempos diversos, se aproximam, apesar das suas idiossincrasias. As noites descritas, tanto a da vivência da batalha de outrora quanto a do escritor vivendo a elaboração do passado, se assemelham à ideia mítica da noite que encobre o sujeito

Não estão em jogo aqui as tradicionais memórias promocionais de um escritor de trajetória literária reconhecida, mas a reflexão sobre

os esquecimentos e as lembranças que gravitam em torno de uma batalha perdida do passado, da qual fora testemunha. No entanto, o tom da narrativa não é o do testemunho tradicional que centra a informação numa tragédia de tal porte que precisa ser descrita para se tornar crível.

Sem ser escrita dentro da perspectiva exemplar nem promocional da tradição da escrita das memórias, no sentido de égide da memória, a narrativa, vale salientar, também não é desenvolvida na perspectiva da descrição da catástrofe.

Entre memória e testemunho, os dezesseis parágrafos de “Lembrança de uma batalha” apresentam uma solução narrativa única, que transita entre o desejo do testemunho e a subsequente elaboração do passado. A escrita problematizada da memória gera a tensão entre presente e passado e produz um texto híbrido e complexo em que as experiências vivenciais de dois narradores cronotopicamente diferenciados apontam para a necessidade de retomar, mesmo por meio de um narrador racional que dissimula a dor do passado, a cena traumática.

A força humanizadora desta narrativa parece recair, portanto, no movimento pendular que oscila entre a memória (carga vivencial do narrador escritor) e o testemunho (necessidade de retomar o passado bélico de resistente e elaborá-lo), sabendo-se que ambos habitam um mesmo *corpo*.

5. De volta ao começo (ou ao passado?)

“Toda história é remorso”

Carlos Drummond de Andrade

Ao buscarmos um lugar para “Lembrança de uma batalha” entre seus pares, ocorreu-nos a hipótese de se tratar de um texto de memó-

rias, conforme o próprio autor o nomeou, ou de se tratar de um texto testemunhal, que busca pela escrita uma espécie de cura ao assumir o ato autobiográfico. Da busca por um lugar, inicialmente previsto, acabamos por encontrar um não-lugar. Não há um lugar demarcado entre as formas sugeridas, posto que a natureza destes exercícios de Calvino não se submetem a um único modelo de confissão.

Muito distante da moda de exposição do eu de nossos dias, “Lembrança de uma batalha” é “um veículo expressivo essencial para o conhecimento do homem” (CABALLÉ, 1991, p.14) e, por conseguinte, do mundo que formamos estando juntos. Nesta narrativa entra em cena a vontade humana de salvar da morte a própria existência – questão menos vinculada ao narcisismo da escrita confessional que à ideia de sobrevivência de um passado que nos supera.

Enquanto processo relacionado à natureza social do homem, “Lembrança de uma batalha” assume sua filiação às memórias como criação e poder, na medida em que, como quer Olmi (2006), são produto humano inspirado na realidade, mas moldado numa dimensão criativa. A narrativa, no entanto, deixa de lado o caráter autopromocional e de exemplaridade próprios de um eu memorialista ao problematizar as questões da guerra para além das obviedades maniqueístas.

Quanto ao testemunho, narrativa marcada pela catástrofe e pelo sofrimento, podemos afirmar que serve como motor que impulsiona os fatos revividos em “Lembrança de uma batalha”, mas, ao servir como propósito, perde de antemão sua estrutura inerte e repetitiva ao promover menos a dor deste eu que o processo literário de sua retomada.

Ler a solução narrativa da escrita calviniana para expor um passado bélico, do qual fez parte, é ler a alteridade e o salto que nos leva para longe de um modelo estático de reescrita do passado, centrado no narcisismo, na lamúria ou na redenção de um trauma. O

texto em questão não devolve, imaculadas, as impressões recebidas (cf. CABALLÉ, 1991, p.114), mas propõe que mesmo para o narrar-se são necessárias escolhas próprias da atividade literária, para além da imediata exposição de si ou da autocomplacência.

Refletir sobre essas passagens, *como o desenovelar de um fio* (CALVINO, 2000, p.71), acrescenta sentido ao mundo que habitamos, tão destituído de certezas quanto constituído de rasgos de memórias e de perdas dolorosas. "Lembrança de uma batalha" é, portanto, uma forma de trazer à tona o que não pode ser esquecido e que se desvela pelos embates entre o homem (escritor), seu entorno histórico e suas escolhas de linguagem.

Referências

- BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CALVINO, I. *O caminho de San Giovanni*. Tradução de Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LEJEUNE, P. *El pacto autobiográfico y otros estudios*. Madrid: Megazul Endymion, 1994.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: De Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
- MACIEL, S. D. "Memória espacial e deslocamento em *O caminho de San Giovanni*, de Italo Calvino". Gragoatá. Niterói, n.17, p.171-181, jul.-dez. 2004.
- OLMI, A. *Memória e memórias: Dimensões e perspectivas da literatura memorialista*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.
- PESSOA NETO, A. *Italo Calvino: as passagens obrigatórias*. Goiânia: Editora UFG, 1997.
- PERRONE-MOISÉS, L. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SELIGMANN-SILVA, M. "A história como trauma" In: NESTROVSKI, A. & SELIGMANN-SILVA, M.. *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TODOROV, T. *Los Abusos de la Memoria*. Madrid: Paidós/Asterisco, 2000.